

Topografia da Presença

Laíny Larreia da Silva ^{1*}

Mestre em Educação pelo Núcleo II da Linha III do PPEDu-UEL (Universidade Estadual de Londrina), e atualmente é membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Críticos e Pesquisas em Desigualdade Social. Possui especialização em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial (2021), Psicopedagogia Clínica e Institucional (2022) e Arte e Cultura (2023). É Graduada em Pedagogia (2021). Profissional no espectro do autismo com trajetória acadêmica dedicada à investigação de temáticas relacionadas ao autismo.



<https://orcid.org/0000-0002-8384-1993>

Recebido em: 23 mai. 2025. **Aprovado** em: 06 ago. 2025.

Como citar esta produção artística:

SILVA, Laíny Larreia da. Topografia da Presença. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6553, set. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17216952

A Presença

Há uma presença.

Atrás de mim.

Sempre.

A dois passos.

É maior.

É mais rápida.

É mais ágil.

É mais forte.

É invisível.

É voraz.

Há uma presença

sempre a dois passos de mim.

Notei regularidades:

a cada três meses?

^{1*}

A cada dois?
De repente... um passo a mais.
Sinto encostar em minhas costas.
Põe as mãos em meu pescoço.
Percebo: é ela.

Busco no âmago da alma, coragem.
Paraliso.
Me encolho.
Fico imóvel.
Ela permanece.
Dias a fio.

Respire.
Fique imóvel.
Tente não olhar.

Já tentei matá-la.
Já tentei transformá-la.
Mas ela não morre.

Ela é imensa.
Caminha pela linha do tempo como quem atravessa um corredor.
Para ela,
dez anos ou dez segundos
são o mesmo passo.

Ela cresce.
A cada dia.
Cada hora.
Cada minuto.
Cada palavra.
Cada gesto.
Cada livro lido.

Um passo para trás...
Ela recua.
Dois passos atrás de mim.
Volta ao seu lugar.

Volto a caminhar.
Ela segue à espreita.

À espera.

Me sinto leve.
O medo passa.
O movimento volta.
Os meses fluem.

Olho para trás.
Acabou?

Giro mais um pouco.
Não está a dois passos...

Onde está?

Está...
em cima de mim.

A sinto me envolver.
Ela olha nos meus olhos.
Me falta o ar.
As pernas tremem.

É ela.
A minha memória.

Me arrasta pelo chão,
de volta a um instante:
uma fala maldita,
uma página sublinhada,
um verso que cortou,
uma data que queimou,
uma imagem que nunca apagou.

O que li.
O que ouvi.
O que vi.
Tudo ela acessa.

Sempre à espreita.
Para atacar.
Sem aviso.

A qualquer momento.
Em qualquer lugar.
A qualquer gatilho.

Em meio a esse enredo,
amei algumas pessoas nas quais confiei.
Todas elas,
sem exceção,
se inclinaram, em algum momento,
a alimentar esse ser.

Então me pergunto:

Se fui eu quem a nutriu...
Se foram eles que a fizeram crescer...
Quem é o vilão da história?
Ela?
Eles?
Ou eu?

O Ser no meu quintal

Caminho pelo quintal, talvez fuga, talvez hábito, e o vejo.
Um ser que não é homem, nem animal, não é, mas sombra
Uma sombra que afasta qualquer querer, qualquer afeto.
Não merece, não merece nada, nem amor, nem olhar, nem lamento.
Mas eu olho.

Pele marcada, mapa mudo das rejeições, feridas que não cicatrizam, não perguntam, não imploram.
Aceita, resignado, imóvel, o lugar a que foi condenado.
No centro desse corpo esborado, uma brasa, quase nada, teima, sobrevive, desafia o vento frio da
desistência.

Eu paro, paralisada.
A culpa que o condena, que me condena, que nos condena:
é minha?
É dele?
É de ninguém?

Não há beleza, nem mistério, só presença, nua, crua, impossível de negar.
Toco-lhe o rosto, hesito, busco nos olhos opacos
um pedido que não vem, uma voz que não se ergue.
E nele, nele vazio, vejo meu próprio fragmento,
partido, esquecido, silenciado no eco do silêncio.

A alma ferida, a fé que observa, que pesa, que se debate:
agir, tentar, arriscar esperança,
ou matar para dar descanso?

Este instante, o limiar,
onde o “eu” se divide e não sabe se rompe ou se segura,
onde o desconforto é uma nuvem espessa, densa, sem solução,
mas onde, ainda assim, eu, ou alguém, está disposto.

Restauro

Hoje, andando pela casa,
notei farelos pelo chão.
O que é isso?

Aproximei-me.
Havia farelos.

Agachei-me.
Um pedaço aqui, outro ali.

Observei com genuína atenção
e percebi:
era uma alma esfarelada.

Sou eu?

Como remontar?
Alguns pedaços, maiores.
Outros, apenas farelos.
Como reconhecer cada parte?

Pensei em juntar com uma pá
esse ser desfeito no chão.

Mas parte vai escorregando,
desfazendo-se nos dedos.

Talvez eu consiga
encaixar as partes que combinem,
como num quebra-cabeça.

Talvez...
Passe tinta nas emendas,

aja como conservador-restaurador,
num trabalho denso em patrimônio antigo.

Observo o estado,
cogito uma desacidificação,
a remoção do verniz,
uma reintegração cromática,
um verniz por cima,
até documentar o processo de restauro,

para embelezar
essa colagem de mim.

E, no silêncio desse esforço,
quem sabe, encontrar um novo inteiro.